

Dentro e fora

*Maria Clara Gladiola Branquinho
Valeria Rosito (Orientadora)*

Poesia

Guimarães Rosa diz “O sertão é dentro da gente”,
também dentro
do epicentro das lembranças poucas
daquilo que li às pressas na adolescência
guardei com carinho essa frase,
tatuada pela brasa
na minha pele nordestina sem memórias da terra
Guimarães Rosa não estava errado.

Filha do senhor do Bonfim,
fui largada às traças da memória em Belford Roxo,
Baixada Fluminense,
experiência relevante, creio eu, para apresentar a mim
e o lugar que chamo de meu, a força
onde o abandono se faz presente
onde tentamos, sem quadros, canetas e, muitas vezes, sem alunos ou caminhos,
lecionar.

“O sertão é dentro da gente”,
analogia útil no presente momento
em uma cidade árida de esperanças,
minada de recursos,
solitária, entre engarrafamentos no centro,
a fome nas adjacências periféricas,
explorada em um campo não lembrado,
gigante em toda sua essência
cidade tal, Nova Iguaçu.

Escolham
nossa primeira missão foi escolher
inocentemente, achei ter escolhido “O cortiço”, de Aluísio de Azevedo
porém dentro das páginas
não continha livro, mas cidade.
Nova Iguaçu habitava Aluísio de Azevedo.
A Baixada Fluminense habitava Aluísio de Azevedo.
O cortiço éramos nós.
Cada pedaço de carne da nossa vivência

estava contida em cada letra, página e coluna
com memórias de uma educação que resiste,
que se ampara
que faz “gambiarras”, amarra cordas gastas
para segurar massas de concreto
e se reduz
e se cala
diante de João Romão.

João Romão...
João Romão na nossa metaficção
é uma máquina,
uma máquina de política burguesa
que passa por cima da escola do povo como um trator
sem dó, sem piedade,
sua cabeça está no lucro
e coloca na frente aqueles que podem pagar;
Bertoleza, uma massa docente explorada
que trabalha incansável nas escolas privadas
arriscando a pele e o espírito por migalhas.

Bertoleza é também a massa docente doente
que trabalha sem recursos na esfera pública
que crê ser seu o fracasso
e não uma privação
de recursos, de voz, de dignidade,
nós também fomos iludidos
pela alforria falsa
pelo amigamento de pouco afeto e muita exploração,
no fim
escravizados pela falta de esperança
agimos como podemos
e sabemos
não ser o suficiente.

Guimarães Rosa diz “O sertão é dentro da gente”;
porém depois de tudo que li

vi
vivi
acredito que
o cortiço é a rua,
a estrada
e cada encruzilhada
pelas janelas afora da Baixada Fluminense
não há tempo verbal ou diacrônico aqui;
não temos voz, folhas, toners, verbo e o século XIX está na nossa esquina.
dentro de nós,
a seca
nos nossos quintais,
a falta.

Fecham-se as cortinas do cortiço;
e o fazer poético e docente encontra-se estirado no sofá,
seu peito reluz o sertão de caminhos mesmos
seus olhos enxergam a exaustão de caminhos poucos
mas a gargalhada impera e ecoa seus ouvidos cansados
e sabe que há ainda ao seu lado o senhor que abre todos os caminhos
em uma reza baixa, e de esperança
laroyê
pois sabe que, dia após dia,
na sua morada quase não há carne
mas tem, e sempre teve,
muito de alma.

O cortiço é a rua,
a estrada
e cada encruzilhada
e há nele um guardião maior que qualquer outro.

Dedico ao padroeiro de Nova Iguaçu, Santo Antônio na fé cristã, Esú, na minha.